

«Rising»

Rui Soares Costa

«L'inconscient du temps vient à nous dans ses traces et dans son travail. Les traces sont matérielles: vestiges [...] symptômes ou malaises, syncopes ou anachronismes dans la continuité des "faits du passé".» — Georges Didi-Huberman

O tempo como assunto, aquele que segundo o artista "é a única coisa que não poderemos adicionar à existência", tem sido uma constante no processo artístico e de investigação de Rui Soares Costa, não só numa perspectiva filosófica como endógena, onde se podem destacar as suas "Lifeline series", sismógrafos humanos que registam em linhas paralelas um tempo nem sempre contínuo, ou as "Sweet series" em que o açúcar, matéria prima usada na construção da própria obra de arte, vai sendo registo do tempo que passa. Pelas mãos de Rui Soares Costa, o tempo, essa entidade abstracta, tem vindo a ser perscrutado e representado em objectos visuais recorrendo a suportes múltiplos e a diferentes ferramentas, sejam eles papel, madeira, fogo, açúcar, verniz, caneta ou buril.

Provavelmente resultante da sua formação académica e da prática do método científico, a cada uma destas diversas séries está subjacente uma equação de parâmetros devidamente especificados e anotados, usados posteriormente na identificação unívoca da obra de arte. Em "Rising series" Rui Soares Costa recorre às marés do Rio Tejo como instrumento de desenho, oxidando peças metálicas de forma diferencial em resultado do movimento de subida e descida do nível da água que se assume como um elemento fundamental nesta nova equação. Cada chapa de ferro é submersa nas águas do Tejo num contexto concreto e pré-definido: a geolocalização, a altura relativa ao Zero Hidrográfico e o período de tempo. São estes parâmetros que irão permitir registar na chapa a porção de tempo em que a chapa esteve suspensa junto ao cais ribeirinho perto do seu ateliê, no Olho de Boi, em Almada, incorporando as sucessivas variações das marés. Estas peças oxidadas passam a ser elas próprias a memória de um tempo, o tempo intrínseco à sua criação, que é concomitantemente matéria de facto e repositório.

Porém, "Rising series" traz-nos ainda uma outra problemática e é em si sintoma de uma bem contemporânea circunstância que são as alterações climáticas. Nesse sentido mesmo que os parâmetros acima referidos fossem replicados, a oxidação será diferente porque a chapa ficará mais tempo submersa, em virtude da subida do nível médio das águas, o que acentua ainda mais a irrepetibilidade desse tempo registado. Voltando a Georges Didi-Huberman, a imagem desvela o tempo, ou o seu inconsciente, numa constante dialética entre artista e espectador, entre o tempo da obra e o tempo contemporâneo, confrontando-nos com a permeabilidade da matéria, a fragilidade da nossa perenidade e a impossibilidade da repetição do tempo. Afinal, qual é o peso do tempo?

Ana Matos

Azinhaga, Junho de 2021

"Rising" é um projeto imersivo que conta com uma banda sonora original de André Gonçalves, com extensão no ateliê de Rui Soares Costa, no Olho de Boi, em Almada.